

UERN

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI
CURSO DE FILOSOFIA**

WESCLEY ASSUNÇÃO SANTOS DA SILVA

**O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA COMO ELEMENTO SUBJETIVO DA
RELIGIÃO DA NATUREZA EM FEUERBACH**

MOSSORÓ – RN

2021

WESCLEY ASSUNÇÃO SANTOS DA SILVA

O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA COMO ELEMENTO SUBJETIVO DA
RELIGIÃO DA NATUREZA EM FEUERBACH

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho

MOSSORÓ – RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586s Silva, Wesley Assunção Santos da
O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA COMO
ELEMENTO SUBJETIVO DA RELIGIÃO DA NATUREZA
EM FEUERBACH. / Wesley Assunção Santos da Silva.
Mossoró, 2021. 44 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Manoel Jarbas Vasconcelos
Carvalho.

Monografia (Graduação em Filosofia). Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Feuerbach. 2. Sentimento de dependência. 3. Religiões da
natureza. 4. Projeção da essência humana. 5. Teologia é
antropologia. I. Carvalho, Manoel Jarbas Vasconcelos. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

WESCLEY ASSUNÇÃO SANTOS DA SILVA

O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA COMO ELEMENTO SUBJETIVO DA
RELIGIÃO DA NATUREZA EM FEUERBACH

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 16/06/2021.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof. Dr. João Bosco Brito do Nascimento
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas
Universidade Federal do Ceará - UFC

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Manoel Assunção e à minha mãe Vera Lúcia pelo incentivo que sempre deram para que eu conclui-se este curso e por terem proporcionado o ambiente adequado para meus estudos diários.

Ao meu amor, Cledna Dantas, por todo apoio e estímulo que me deu para dar seguimento aos meus estudos acadêmicos, por não me deixar desanimar nos momentos de extrema fadiga e cansaço e pela compreensão nos momentos em que fui ausente ou precisei adiar compromissos nossos, por causa dos estudos.

Ao meu orientador, Prof. Jarbas Vasconcelos, pela valiosa contribuição na orientação deste trabalho, por todo aprendizado que me proporcionou em suas aulas, por toda compreensão e apoio que me deu no momento em que fiquei internado, com Covid-19, dias antes da conclusão e apresentação deste trabalho. Muito obrigado por ter sido tão humano!

Aos professores Bosco Brito e Eduardo Chagas por terem aceitado o convite para participar da banca de defesa deste trabalho e pelas relevantes contribuições dadas. Foi uma honra para mim ter dois professores tão bem referenciados, academicamente, avaliando e ajudando a tornar este trabalho mais fundamentado e robusto.

Aos demais docentes do Departamento de Filosofia - DFI da UERN, por todos os ensinamentos e reflexões que me proporcionaram durante a vigência do curso.

Ao corpo técnico-administrativo do DFI/UERN, por todo o suporte dado nos momentos em que precisei.

Aos colegas de curso Everton de Santana e Rejane dos Anjos Santos, pela amizade sincera, pelas boas reflexões e conversas filosóficas, pela parceria nos trabalhos acadêmicos e pelo companheirismo dentro e fora da faculdade. São amizades que levarei para a vida.

RESUMO

Investiga o pensamento da maturidade de Ludwig Andreas Feuerbach sobre as religiões da natureza ou religiões pagãs. Busca entender qual o fundamento subjetivo e primordial que justificou o surgimento das religiões da natureza. Muito se produziu sobre o pensamento de Feuerbach em relação ao cristianismo. Poucas são as pesquisas sobre sua abordagem acerca das religiões pagãs. A presente pesquisa mostrasse relevante, pois visa preencher uma lacuna nos trabalhos acadêmicos sobre o tema das religiões da natureza. Utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica das obras de Feuerbach, de comentadores especialistas no pensamento feuerbachiano, bem como obras de pesquisadores da religião que complementam e ratificam o pensamento do filósofo. Aborda os principais conceitos imprescindíveis para a total compreensão das ideias de Feuerbach sobre as religiões em geral. Conclui-se que o sentimento de dependência do homem perante a natureza, é o conceito utilizado por Feuerbach para designar todos os aspectos psicológicos e emocionais envolvidos no surgimento da religião e que ao adorar Deus, o homem adora sua própria essência projetada na natureza. A teologia, portanto, nada mais é que antropologia: ao contemplar os deuses, o homem na verdade contempla sua própria essência objetivada e personificada na natureza. O homem concebe a natureza não da forma como ela é na realidade, mas de forma supersticiosa e mística. O homem, por meio de sua fantasia e imaginação, projeta na natureza consciência e intencionalidade – predicados extraídos da própria essência humana.

Palavras-chave: Feuerbach. Sentimento de dependência. Religiões da natureza. Projeção da essência humana. Teologia é antropologia.

RESUMEN

Investiga el pensamiento maduro de Ludwig Andreas Feuerbach sobre las religiones de la naturaleza o las religiones paganas. Busca comprender el fundamento subjetivo y primordial que justificó el surgimiento de las religiones de la naturaleza. Mucho se ha escrito sobre el pensamiento de Feuerbach en relación con el cristianismo. Hay poca investigación sobre su enfoque de las religiones paganas. La presente investigación resultó ser relevante, ya que tiene como objetivo llenar un vacío en los trabajos académicos sobre el tema de las religiones de la naturaleza. La metodología utilizada es la búsqueda bibliográfica de las obras de Feuerbach, por expertos comentaristas del pensamiento feuerbachiano, así como obras de investigadores religiosos que complementan y ratifican el pensamiento del filósofo. Aborda los conceptos principales que son esenciales para una comprensión completa de las ideas de Feuerbach sobre las religiones en general. Se concluye que el sentimiento de dependencia del hombre de la naturaleza es el concepto utilizado por Feuerbach para designar todos los aspectos psicológicos y emocionales involucrados en el surgimiento de la religión y que al adorar a Dios, el hombre adora su propia esencia proyectada en la naturaleza. La teología, por tanto, no es más que antropología: al contemplar a los dioses, el hombre contempla realmente su propia esencia objetivada y personificada en la naturaleza. El hombre concibe la naturaleza no como realmente es, sino de una manera supersticiosa y mística. El hombre, a través de su fantasía e imaginación, proyecta la conciencia y la intencionalidad en la naturaleza, predicados extraídos de la esencia misma humana.

Palabras clave: Feuerbach. Sentimiento de dependencia. Religiones de la naturaleza. Proyección de la esencia humana. Teología y antropología.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	O CONCEITO DE NATUREZA EM FEUERBACH.....	12
2.1	Homem e natureza: uma relação imanente.....	12
2.2	Crítica ao panteísmo de Spinoza.....	17
2.3	Crítica ao idealismo Hegeliano.....	19
2.4	Concepção materialista de Feuerbach: a primazia da natureza.....	20
3	FUNDAMENTAÇÃO SUBJETIVA DA RELIGIÃO.....	25
3.1	Sentimento de dependência e divinização da natureza.....	25
3.2	Crença religiosa e egoísmo humano.....	33
3.3	A natureza em geral e a natureza local.....	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre a religião tem sido alvo de cientistas, filósofos, psicólogos, teólogos, dentre outras especialidades, que, buscando compreendê-la melhor, problematizaram-na a partir de perspectivas e metodologias distintas.

Dentre os diversos pensadores que se debruçaram sobre o tema da religião e de seus objetos de adoração, Ludwig Andreas Feuerbach foi, certamente, um dos que mais se destacou, no século XIX. Em sua análise filosófica da religião, Feuerbach fez um longo e pormenorizado estudo sobre a história das religiões, dos tempos mais remotos à contemporaneidade. Analisando os traços característicos das várias religiões surgidas ao longo da história humana, Feuerbach distinguiu-as em religiões da natureza ou pagãs e religiões do espírito.

Por religião da natureza, Feuerbach se refere à religião que diviniza elementos da própria natureza. Para essa religião, a natureza é um objeto para o homem não pelo que ela é na realidade, mas pelo que parece ser para homens sem ciência e conhecimento acerca da dinâmica ordenada da natureza. Em contrapartida, a expressão religião do espírito é utilizada pelo nosso filósofo para denominar as religiões monoteístas, sobretudo o cristianismo.

Neste trabalho, investigaremos as origens e os pressupostos da religião da natureza. Buscaremos compreender, à luz do pensamento Feuerbachiano, quais os fundamentos que levam o homem a divinizar a natureza. Serão abordados conceitos importantes desenvolvidos por Feuerbach em suas obras, os quais são essenciais para compreender o cerne de seu pensamento sobre o tema aqui tratado, tais como os conceitos de natureza, essência humana, sentimento de dependência e egoísmo.

A relevância do estudo sobre a religião da natureza, a partir do pensamento de Feuerbach, justifica-se por tratar-se de um tema ainda pouco estudado no meio acadêmico. Percebe-se, facilmente, que a quase totalidade da produção acadêmica sobre esse filósofo debruçou-se sobre aquela que é considerada sua primeira grande obra: *A Essência do cristianismo* (1842). Contudo, os conceitos trabalhados pelo filósofo nas obras *A essência da religião* (1846) e *Preleções sobre a essência da religião* (1851), ao darem ênfase ao que ele chama de religião pagã, são necessários para compreender o pensamento de Feuerbach sobre as religiões, em geral.

Desconhecer estas considerações nos fará incorrer em uma compreensão limitada e deficiente acerca de sua análise da essência da religião.

Considerado por alguns estudiosos como o pai do ateísmo contemporâneo¹, que influenciou outros pensadores importantes que surgiram após ele, o pensamento de Feuerbach sobre a religião possui enorme relevo para aqueles que nutrem interesse por este tema. A crítica de Feuerbach à religião expressa o sentimento de sua época, isto é, a crítica dos jovens hegelianos de esquerda do século XIX os quais criticavam o Estado religioso. Ademais, a partir da perspectiva de alguém que em sua infância fora educado em ambiente cristão protestante tendo, inclusive, iniciado seus estudos em Teologia, essa crítica emana de alguém que possui uma experiência religiosa, que manteve contato íntimo e direto com a doutrina e os dogmas da religião cristã. Talvez por conhecer tão bem as minúcias e práticas da fé cristã, aliado a anos de pesquisa sobre a história das religiões, destaque-se em sua análise e fundamentação.

O cerne deste trabalho resume-se nas seguintes perguntas: o que fundamentou a divinização da natureza pelo homem, segundo a concepção de Feuerbach? Quais os motivos que fizeram o homem projetar na natureza crenças divinas? Porque o homem sentiu necessidade de cultuar objetos e forças da natureza?

Feuerbach demonstra através de seu estudo sobre a história das religiões dos mais diferentes povos e em variadas épocas, povos e culturas que o homem diviniza elementos da natureza dos quais ele percebe ser dependente sua existência. O filósofo entende que quanto mais um povo se compreende dependente da natureza, mais importância divina esta possui para o homem.

A dependência a qual o pensador faz menção refere-se à dependência real ou imaginária que o homem sente com relação à natureza, como base e fonte de sua existência. Os homens interpretam, supersticiosamente, manifestações da natureza como atividades divinas e projetam nessa natureza “divina” a dependência que, na verdade, eles têm da natureza real, concreta e material. Aliás, Feuerbach percebe que diferentes povos, de diferentes épocas e culturas, possuem diferentes deuses, sendo

¹ Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud possuem algo em comum: eles anunciam e confirmam, cada um à sua maneira, a “morte de Deus”, influenciando a crítica da religião no século XIX (VELIQ, 2018, p.285).

cada Deus representado conforme a imagem e semelhança de seu povo. Ou seja, os deuses são tão distintos entre si, quanto o são os povos que os cultuam.

A partir disso, Feuerbach conclui que, na verdade, aquilo que o homem adora como Deus trata-se, apenas, da adoração de sua própria essência humana projetada em elementos da natureza dos quais o homem se sentia dependente.

A fim de compreendermos, em detalhes, como isso acontece, explicitaremos de que forma o sentimento de dependência constitui o elemento subjetivo principal que fundamenta a divinização da natureza pelo homem. Demonstraremos porque o medo foi considerado o ápice da manifestação do sentimento de dependência, definiremos o conceito de natureza como algo autônomo, material e autorregulador, delimitaremos a essência do homem como sendo composta de razão, vontade e coração e, por fim, esclareceremos de que maneira o egoísmo do homem o impele ao encontro da satisfação do seu sentimento de dependência perante a natureza.

As obras principais do nosso filósofo, utilizadas para fundamentar este trabalho, foram *A essência da religião e Preleções sobre a Essência da Religião*, onde ele aborda aspectos da religião em geral, sobretudo da religião da natureza, e *A Essência do Cristianismo*, onde Feuerbach aborda conceitos que são importantes para o total entendimento do seu pensamento sobre as religiões. Utilizamos, ainda, obras de comentadores e especialistas no pensamento de Feuerbach.

O presente trabalho é composto de dois capítulos. No primeiro capítulo, analisaremos a transição de Feuerbach da teologia para a filosofia idealista alemã, bem como a evolução do seu conceito de natureza desde seus primeiros escritos até a fase madura de seu pensamento. Detalharemos que para este pensador a natureza, aos poucos, passa a ser compreendida dentro de uma perspectiva real, material e concreta dissociada da visão religiosa e idealista que a enxerga de modo abstrato e, por vezes, como efeito de uma causa sobrenatural e de natureza completamente alheia à natureza humana. Em virtude do escasso material científico sobre as etapas de transição no pensamento feuerbachiano, em língua portuguesa, realizamos uma pesquisa bibliográfica tendo como principal referência a obra *Natureza e Liberdade em Feuerbach e Marx* (Chagas, 2016).

No segundo e último capítulo, desenvolveremos uma minuciosa análise acerca do tema principal deste trabalho: o sentimento de dependência do homem como

elemento subjetivo da religião da natureza. Para facilitar a compreensão deste tema central, apresentaremos também as concepções singulares de Feuerbach sobre a essência humana – a qual é composta de razão, vontade e coração -, bem como o conceito de egoísmo humano como um sentimento que, ainda que inconsciente, faz o homem autoafirmar sua natureza material e amar sua essência humana, bem como tudo aquilo que corresponde a seus ideais, sentimentos e essência.

2. O CONCEITO DE NATUREZA EM FEUERBACH

2.1. Homem e natureza: uma relação imanente

Feuerbach critica o teísmo, sobretudo, cristão, bem como o idealismo alemão liderado por Hegel, os quais desprezam a natureza objetiva e material em detrimento de uma superavaliação do pensamento puro, do espírito absoluto e de Deus. Seu objetivo consiste em superar o dualismo entre matéria e espírito, ser e pensar².

Analisando cronologicamente todo o pensamento de Feuerbach percebe-se, ao longo de suas obras, uma mudança de abordagem acerca do seu conceito de natureza e da importância vital que ela tem para a vida do homem. Podemos dividir, didaticamente, o pensamento de Feuerbach em dois momentos: o período juvenil dos seus primeiros escritos, que datam de 1820 a 1830³, e a fase madura do seu pensamento, entre os anos de 1837 e 1851⁴, conforme veremos.

Inicialmente, Feuerbach estuda Teologia, em Heidelberg, tendo como seu principal professor Schleiermacher⁵. Cerca de dois anos após iniciar seus estudos em Teologia, Feuerbach tem seu primeiro contato com a filosofia, especificamente assistindo a aulas de Hegel, em Berlim. Como fruto desse primeiro contato com a filosofia hegeliana, Feuerbach não abandona a teologia, imediatamente, mas propõe uma conciliação entre fé e razão. Por volta de 1824, Feuerbach, aos poucos, aproxima-se da filosofia até o ponto de romper, completamente, seus laços com a teologia. Nesse período, ele escreve ao seu pai o seguinte:

Eu renunciei a teologia, porém a renunciei não maligna ou levemente; não porque ela não me agrada, mas porque ela não me liberta; porque ela não me dá o que eu quero, o que preciso. Meu espírito se acha agora não nos

² A meta de minhas obras é: tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes [...] nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem.” (Feuerbach, 2009, p.36).

³ Datam deste período, obras como *Dissertação sobre a razão una, universal e infinita*; *Pensamentos sobre morte e imortalidade*; e *Introdução à lógica e metafísica*.

⁴ São desse período as principais obras de Feuerbach, tais como: *História da filosofia moderna*; *A essência da religião*, *Preleções sobre a essência da religião* e *A essência do cristianismo*.

⁵ Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher foi um famoso teólogo e filósofo alemão do século XIX. Foi contemporâneo de outros conhecidos filósofos alemães como Fichte, Schelling e Hegel. Suas principais obras foram *Discursos sobre a religião* (1799) e *Os monólogos* (1800).

limites do país sagrado; meu sentido está num mundo mais amplo;(...) eu quero a natureza, frente à qual a profundidade dos teólogos recua; eu quero carregar em meu coração o homem inteiro, que é objeto não para o teólogo, mas apenas para o filósofo. Alegre-se comigo por eu ter começado em mim uma nova vida, um novo tempo; alegre-se por eu ter escapado da sociedade dos teólogos (...) (FEUERBACH *apud* CHAGAS, 2016, p. 16-17).

A partir desse distanciamento da teologia, Feuerbach compreende que esta não consegue explicar toda a realidade com as mesmas exigências e métodos filosóficos. Ainda segundo nosso filósofo, “Palestina é a mim muito estreita; eu quero, eu devo prosseguir no mundo e esse somente o filósofo traz em seus ombros” (Ibidem, p. 17). Portanto, após o contato direto com a filosofia de Hegel, a quem sente-se profundamente agradecido pelo conhecimento adquirido, Feuerbach não propõe mais a reconciliação entre fé e razão, mas a total separação entre filosofia e teologia⁶.

Conforme assevera Chagas (2016), Feuerbach, em sua dissertação “*Da Razão Una, Universal e Infinita*”⁷, muita influenciada sobretudo pela lógica Hegeliana, aponta a razão como sendo a essência do homem capaz de uni-lo aos outros homens, enquanto gênero.

Na dissertação supracitada, Feuerbach estabelece uma oposição entre o “particular” e o “universal” e entre a “sensibilidade” e a “razão”. Utiliza-se desses conceitos para confrontar os críticos da razão que afirmam ser ela incapaz de conhecer a verdade de todas as coisas. Para esses críticos, a razão seria limitada e incapaz de conhecer toda a realidade. Ademais, afirmam que nem todos os homens manifestam a mesma racionalidade, possuindo cada um impressões subjetivas da realidade. Diante disso, a razão seria não uma categoria universal, mas particular, pois expressaria tão somente a subjetividade de cada pessoa. Em vez disso, Feuerbach afirma que todo ser humano é racional sendo impossível concebê-lo sem associá-lo à racionalidade. A razão, portanto, é universal, pois está presente em todos os indivíduos.

Em oposição à razão como elemento universal, porque todos os homens possuem a capacidade de pensar racionalmente, Feuerbach assevera a sensibilidade

⁶ “Aprendi com Hegel em quatro semanas tudo o que não aprendi antes em dois anos” (FEUERBACH *apud* REALE, 2003, p. 157).

⁷ Obra de Feuerbach escrita, originalmente, em 1828.

e o sentimento como categorias opostas e individuais. Chagas (2016), ao analisar o referido trabalho do pensador alemão, afirma que, para o filósofo, diferentemente da razão “[...] o que fundamenta a essência da sensibilidade é a singularidade, pois o homem não pode transmitir oralmente suas emoções a outro. As percepções sensíveis dos objetos não são, pois, iguais e comuns, mas se diferenciam de homem para homem”⁸. A razão entendida como o ato de pensar racionalmente é um elemento comum a todos os homens, logo, é universal. No ato de pensar, todos os homens, apesar de suas impressões subjetivas, tornam-se iguais. O pensamento universal é, portanto, a essência do homem e a unidade real do gênero humano, é o que constatamos nessa fase inicial da filosofia feuerbachiana.

Segundo nosso filósofo, a razão ou pensamento universal é uma qualidade típica dos seres humanos, diferentemente dos animais. Para ele, os animais, porque não pensam racionalmente, não têm para si o gênero como objeto, não possuem a compreensão de si mesmos enquanto espécie. Desse modo, como o animal não pensa racionalmente, não há nele o elemento racional necessário para uni-lo ao seu gênero. Feuerbach sustenta que a diferença do homem para os animais consiste em que ao homem seu gênero é objeto. Para o nosso pensador, os animais, assim como as plantas, são seres limitados e determinados pela natureza que possuem uma atividade puramente biológica e sem nenhuma relação universal⁹. Sobre isso, Chagas explica:

Não há, por exemplo, a planta como gênero, mas apenas como ser disperso, isto é, como uma planta singular entre muitas outras; na planta, há apenas vida, crescimento, florescimento e alimento. [...] Enquanto na natureza, no mundo animal e vegetal, falta o gênero, os homens estão todos unidos pelo pensamento numa unidade. Pensando, o homem nem é um determinado este ou aquele, nem um ser próprio, particular, mas pura e simplesmente o gênero humano, universal (Ibidem, p. 22).

⁸ CHAGAS, 2016, p. 16.

⁹ “Por isso tem o animal apenas uma vida simples, mas o homem uma dupla: no animal é a vida interior idêntica à exterior – o homem possui uma vida interior e uma exterior. A vida interior do homem é a vida relacionada com seu gênero, com a sua essência. O homem pensa, ele conversa, fala consigo mesmo. O animal não pode exercer nenhuma função de gênero sem um outro indivíduo fora dele. [...] O homem é para si ao mesmo tempo *eu* e *tu*. Ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto” (FEUERBACH, 2007, p. 35-36).

Dentro desta visão inicial de Feuerbach, a vontade humana não é autônoma em si mesma, mas provém do pensamento universal; não possui autonomia frente ao pensamento, mas deriva dele. Como citado anteriormente, Feuerbach é aqui muito influenciado pelo hegelianismo na medida em que concebe a razão como um elemento universal – similar ao espírito universal de Hegel – e faz tudo derivar dessa substância universal. Em outras palavras, a vontade do homem expressa e reflete nada mais que sua substância universal, ou seja, a razão.

O jovem Feuerbach argumenta que a natureza não possui nenhuma primazia frente ao pensamento. A natureza só existe dentro de uma realidade sem a qual não pode existir. A essência dessa natureza limitada não é ela mesma, mas a razão universal. Somente a partir da razão universal a natureza possui existência.

Seguindo nossa exposição sobre o pensamento inicial de Feuerbach, respeitando a ordem cronológica de seus escritos, Chagas (2016), ao analisar a obra *Pensamentos sobre Morte e Imortalidade*¹⁰, afirma que nosso filósofo critica a fé do homem na imortalidade como superação da morte terrena. Nesta fase do seu pensamento, Feuerbach concebe Deus de forma panteísta como fundamento de toda a realidade e como o ser que une o homem e a natureza. Deus é o todo, o infinito e o homem um ser limitado e finito, o qual tem como fonte de sua existência esse Deus infinito¹¹. Diante disso, Feuerbach se contrapunha à fé na imortalidade da alma como superação da morte e possibilidade de uma outra vida no além, pois para o filósofo a morte representa, apenas, o limite biológico da vida humana, uma passagem de volta para o todo universal que é Deus.

Ressalte-se que Feuerbach não concebe nesta obra Deus como um ser pessoal que se relaciona com os homens, mas, de forma panteísta, como um conceito sem relação alguma com a subjetividade humana e que serve de fundamento para o cosmos inteiro, incluindo o homem e a natureza. Feuerbach encontra no panteísmo, sobretudo, de Spinoza uma forma de superar o dualismo entre matéria e espírito reconciliando esses dois conceitos em uma unidade. Enquanto para o teísmo o

¹⁰ Obra publicada por Feuerbach em 1830.

¹¹ Conforme veremos mais adiante, em seus escritos da maturidade, Feuerbach afirma ser a natureza real, material e concreta a fonte responsável pela existência do homem e pela manutenção de sua vida, e não mais Deus – nem os deuses da religião da natureza, nem o Deus monoteísta das religiões do espírito.

espírito é transcendente e coincide com o conceito de um Deus supranatural, completamente diferente da natureza, no panteísmo feuerbachiano, Deus está imerso no interior da natureza, formando com ela uma unidade substancial. Referindo-se à obra de Feuerbach “*Pensamentos sobre morte e imortalidade*”, Chagas reproduz o seguinte comentário do filósofo:

Se tu censuras o puro panteísmo, porque ele faz de Deus o todo, então tu deves se deparar com a reprovação de representar o pior panteísmo, o panteísmo particular. Pois, ao pensar Deus só sob a determinação do ser-em-si e do saber-de-si ou, melhor, do ser-para-si, e, por conseguinte, só sob a determinação da particularidade e da diferencialidade, então tu elevas, precisamente, o algo, não certamente o todo, mas o particular, à condição de absoluto (FEUERBACH *apud* CHAGAS, 2016, p. 32).

Para Feuerbach, Deus não é um sujeito puro, pois ele contém em si também sua diferença, que é, precisamente, a natureza. Se a natureza não se encontrasse presente em Deus, estaria a diferença, o impulso da atividade, o começo e o princípio da vida fora dele, e, assim, Deus seria um ser não absoluto. Deus não seria nem uma personalidade pura, nem uma natureza pura, mas totalidade e universalidade (Ibidem, p. 33).

Partindo do pressuposto de que a natureza teria como fundamento de sua existência Deus, na obra supracitada, Feuerbach levanta a seguinte questão: teria a natureza uma finalidade ou ela é completamente acidental? (Ibidem, p. 35). Para ele, a natureza possui um fim determinado e orientado por suas necessidades existenciais. A semente de uma árvore qualquer já traz consigo a finalidade da referida árvore. Todos os frutos da árvore já se encontram potencialmente em suas sementes. Da mesma forma, um embrião humano está determinado a ser um ser humano. Uma natureza vazia e sem fim algum tornaria a existência impossível.

Em *Pensamentos Sobre Morte e Imortalidade*, segundo Chagas (2016), apesar de trazer consigo uma visão panteísta identificando o conceito de Deus com a natureza, Feuerbach começa a atribuir certa autonomia à natureza enxergando-a como possibilidade e limite da vida. Ou seja, a natureza é, ao mesmo tempo, possibilidade da vida, pois a vida dos seres terrenos só é possível nessa natureza, e também limite, pois uma existência que não possui limites é apenas uma existência

ilusória e irreal. Portanto, a natureza é a absoluta e última fundamentação e condição de toda a vida, porque todos os seres vivos surgem a partir dela. O princípio e o fim da vida encontram-se, simultaneamente, na natureza.

Finalizando a obra *Sobre a Morte e Imortalidade*, Feuerbach ratifica o que já afirma em seu primeiro escrito e que continuará afirmando até o fim de sua vida - que o homem se diferencia de todos os seres vivos que existem na natureza, pois o homem, diferentemente dos demais seres vivos, é o único que tem consciência da existência de si mesmo e dos outros.

2.2. Crítica ao panteísmo de Spinoza

Prosseguindo com a análise histórica sobre o amadurecimento do pensamento de Feuerbach, na obra *História da Filosofia Moderna*, conforme pondera Chagas (Ibidem), nosso filósofo inicia seu rompimento com a visão panteísta da natureza. Como vimos, na busca para tentar superar a contradição entre “espírito” e “natureza”, “universal” e “particular” Feuerbach se ancora na concepção spinozana a qual afirma que “espírito” e “matéria” não são substâncias, mas atributos não autônomos de uma mesma e única substância: “Deus”.

Apesar de elogiar o pensamento de Spinoza com relação à resolução da oposição entre “matéria” e “espírito”, por meio do seu conceito de “substância”, Feuerbach, ainda influenciado pelo pensamento hegeliano, afirma que Spinoza não determina que “substância” seria essa. Para Feuerbach, essa substância que elimina em si a oposição entre corpo e alma, entre o todo e suas partes é o “espírito”. Além disso, para Feuerbach, a substância de Spinoza trata-se de um mero conceito que possui como predicados a extensão e o pensamento. A essência dessa substância, em Spinoza, é a potência, pois é a partir dessa essência que tudo existe. Assim como a potência da extensão é produzir formas e a potência do pensamento é produzir ideias, a potência da substância é ser a causa da existência de tudo.

Feuerbach também critica o conceito de extensão em Spinoza segundo o qual a extensão seria uma qualidade da natureza e, ao mesmo tempo, um atributo de uma substância infinita. Feuerbach acusa Spinoza de transformar a extensão, que é matéria, em um atributo divino. O exemplo que Spinoza dá acerca do seu conceito de

extensão é o da água: a água, enquanto matéria, nasce e perece. Contudo, como forma, ela é incriada e imperecível. Para Feuerbach, isso implica em fazer o conceito de água coincidir não com a matéria, mas com um objeto da razão pensado de forma abstrata.

Outra crítica de Feuerbach é com relação à contradição em que Spinoza incorre ao definir os atributos da substância. Feuerbach percebe que se os atributos da substância são determinados pelas limitações da matéria do mundo real, eles possuem, por consequência, a característica da finitude. Logo, esses atributos não podem ser considerados, quanto à forma, ilimitados e incriados, pois isso une no mesmo conceito qualidades com características contrastantes.

Portanto, se os atributos da substância necessariamente emanam dela, possuem eles a característica da infinitude sendo suas qualidades materiais apenas abstrações sem correspondência com a realidade. Sobre isso, Feuerbach pondera:

A substância como existência é deficiente, porque ela é existência pura, incondicionada e indeterminada e, com isso, falta a ela o princípio da diferença, da determinidade. Nesse sentido, podemos afirmar que a substância de Spinoza, apesar de sua relevância, não apresenta ainda uma solução adequada no que diz respeito à problemática da relação entre espírito e matéria (natureza), porque ela, do mesmo modo que seus atributos, é totalidade sem realidade, ou melhor, realidade abstrata, vazia, sem conteúdo e não concreta (Ibidem, p. 48).

Outra contradição que Feuerbach identifica no conceito de substância de Spinoza é o fato de que o pensamento e a extensão, atributos da mesma substância, são diferentes entre si, pois um não pressupõe o outro. Ora, se os atributos da substância são diferentes entre si, mas, ainda assim, expressam a mesma substância, como pode a substância ser uma unidade já que seus predicados são absolutamente distintos entre si ao mesmo tempo em que constituem, também, a sua essência? Feuerbach conclui que os dois atributos citados geram como consequência uma contradição que não coincide com a característica da unidade da substância spinozana (CHAGAS, 2016).

Ao criticar o pensamento de Spinoza quanto ao seu conceito de substância, Feuerbach molda sua visão materialista da natureza. Enquanto para Spinoza a natureza é idêntica à substância e expressão de qualidades abstratas, Feuerbach

agora enxerga a natureza como fundamento sensível e material da vida humana. Não há mais para Feuerbach uma natureza criadora e uma natureza criada, como quer Spinoza, mas apenas uma natureza à qual o homem deve a sua existência. Feuerbach rompe com a visão de uma natureza que possui seu fundamento em um conceito abstrato de substância que não inclui as determinidades da natureza real, sensível e concreta.

2.3. Crítica ao idealismo hegeliano

Após distanciar-se do panteísmo e romper com o pensamento de Spinoza, Feuerbach prossegue com sua crítica, dessa vez, ao pensamento de Hegel. Sua crítica consiste em que para Hegel, o pressuposto de toda a realidade inicia com um ser puro, indeterminado e vazio até evoluir para o que ele denomina de espírito absoluto. Para Feuerbach, sua filosofia, ao contrário, parte do ser real e concreto. Em sua obra *Para a Crítica da Filosofia Hegeliana* (1839), Feuerbach, segundo Reale, assim questiona: “Hegel começa com o ser, isto é, com o conceito de ser ou com o ser abstrato; porque eu não devo poder começar com o próprio ser, isto é, com o ser real?” (2007, p. 157-158).

Para Hegel, o princípio de tudo inicia com o puro ser, indeterminado e sem qualidades. Contudo, este ser puro, que não possui qualidade alguma, não é nada, pois se algo fosse, seria determinado e, portanto, não poderia ser considerado puro ser. Logo, para Hegel, o ser possui em si, também, o princípio do nada. Em outras palavras, o ser não existe como oposição ao nada, mas formam uma só unidade que se manifesta através do que Hegel denomina *devir*. Referindo-se a Hegel, Chagas (2016) esclarece que o devir é um movimento de imediato desaparecer de um no outro, um movimento onde o ser e o nada são diferentes, porém através de uma diferença que, ao mesmo tempo se dissolve imediatamente. O devir seria a unidade do ser com o nada, tanto o nascer como o perecer em um. Por isso, as coisas nascem e perecem, pois o devir hegeliano abarca em seu conceito o ser e o nada. O ser e o nada são como que momentos de um processo que se repetem o tempo todo, na realidade.

Para Feuerbach, o nada é aquilo sobre o qual nada se pode falar ou conceituar. Portanto, Feuerbach não aceita a unidade do ser com o nada proposta por Hegel, pois

se o nada fosse pensado juntamente com o ser puro, ele (o nada) seria determinado e, dessa forma, não poderia mais ser concebido como nada. A partir dessa observação, Feuerbach não enxerga a possibilidade de afirmar o nada em união com o ser, pois isso resulta em um problema insanável. Pensar o nada é algo em si contraditório, pois o nada não possui conteúdo algum. Ao invés disso, Feuerbach prefere partir do ser real e concreto sobre o qual o pensamento deve estar alicerçado.

Percebe-se que Feuerbach rejeita o idealismo como meio para explicar o real, não considerando mais o ser abstrato e indeterminado como pressuposto para chegar ao ser concreto. O movimento que Feuerbach propõe, na última fase do seu pensamento, é exatamente o contrário: partir das coisas mesmas, do ser real e existente.

2.4. Concepção materialista de Feuerbach: a primazia da natureza

Na fase madura de seu pensamento, Feuerbach destaca a primazia da natureza frente ao espírito. Agora, para ele, a natureza é a primeira estrutura da existência. Diante do pensamento, é o ser primeiro e originário achando seu sentido em si mesma. A natureza é tudo aquilo que sensorialmente se apresenta ao homem, abstraído das ilusões místicas do teísmo. É ela uma verdade dada aos sentidos e, por isso, não resulta da vontade arbitrária de um ser sobrenatural, nem da atividade de uma substância pura ou espírito absoluto, possuindo uma existência que independe da consciência humana (FEUERBACH, 2006). Na obra, *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach faz a seguinte afirmação:

Entendo sob natureza o cerne de todas as forças, coisas e seres sensíveis que o homem distingue de si como não humanas; entendo em geral sob natureza [...] certamente como Spinoza, mas não um ser como o Deus supranaturalístico, que existe e age com vontade e razão, mas que atua somente conforme a necessidade de sua essência [...] ela não é pra mim um Deus como é para Spinoza, ou seja, um ser ao mesmo tempo sobrenatural, transcendente, misterioso, simples, e sim um ser múltiplo [...] real, perceptível com todos os sentidos [...] Natureza é tudo que se mostra ao homem imediatamente, sensorialmente como a base e o objeto de sua vida. Natureza é luz, é eletricidade, é magnetismo, é ar, é água, é fogo, é terra, é animal, é planta, é homem enquanto ser que age espontânea e inconscientemente –

nada mais, nada místico, nada nebuloso, nada teológico compreendo na palavra natureza¹² (2009, p. 108).

Para o nosso filósofo, a natureza é a causa e o fundamento do homem, a quem ele deve seu aparecimento e existência. Ao contrário do teísmo cristão, que enxerga a natureza como algo criado a partir de um ser divino qualitativamente estranho a ela, e do idealismo hegeliano que deduz a natureza e suas características a partir de um desdobramento do espírito, Feuerbach enxerga a natureza como algo que possui existência própria e serve de pressuposto necessário para todos os seres vivos, incluindo a vida humana. Suas características não são resultados de uma lógica abstrata, mas são imanentes à própria natureza.

Apesar de afirmar que a natureza possui existência própria, Feuerbach não nega a possibilidade acerca da origem e do surgimento da natureza a partir de causas distintas dela. Ele reconhece que não dá grande importância à discussão sobre a origem da natureza, pois isso não influi na existência material do homem. É a essa natureza real e concreta que o homem deve sua existência, não possuindo importância alguma teorizar sobre o que antecede à existência.

Contudo, Feuerbach refuta a hipótese teísta baseada na causa primeira aristotélica. Essa teoria defendida por teólogos afirma que o mundo necessariamente surgiu de uma causa primeira, incausada e infinita, pois, se assim não fosse, a cadeia de causas da realidade regressaria ao infinito, o que apresenta-se como ilógico para a razão humana. Para Feuerbach, fazer a natureza ou o mundo derivar de uma primeira causa, imóvel, incausada e eterna para satisfazer uma necessidade de compreensão racional, não torna esta hipótese verdadeira. Estabelecer um início e um fim da natureza diante da incapacidade do homem de pensar o infinito, não garante que, de fato, houve um início e que haverá um fim. Para ele, esse raciocínio teísta constitui nada mais que um conceito que só faz sentido para a lógica humana, sendo, este conceito, incapaz de fazer surgir seres reais e concretos.

¹² A palavra natureza, para Feuerbach, é um termo genérico que refere-se, inclusive, aos astros do sistema solar e tudo que existe fora do homem e possui existência independente dele. Em seu livro *A essência da religião*, ele afirma que “Para mim natureza (da mesma forma que o espírito) não é mais que um termo geral para designar entes, coisas, objetos que o homem diferencia de si mesmo e de suas próprias produções [...]; mas não um ente universal, extraído e separado da realidade, nem personificado ou mistificado” (2005, p. 23).

Considerando que a natureza possui uma origem, não é esse início derivado de uma causa única, mas de múltiplas causas. A natureza possui seu fundamento em causas astronômicas, químicas, físicas, fisiológicas e orgânicas podendo ser perfeitamente compreendida a partir de características imanentes a ela como unidade orgânica, harmonia de causas e efeitos, movimento, autonomia, regularidade e necessidade (CHAGAS, 2016). Todas essas características são necessárias para viabilizar a existência da vida na terra, bem como a existência de quaisquer objetos e fenômenos naturais. Sobre a origem da vida, Feuerbach afirma que:

A origem da vida é inexplicável e incompreensível; assim é. Mas essa incompreensibilidade não lhe dá o direito de deduzir as consequências sobrenaturais que a teologia tira das lacunas do conhecimento humano [...] Por que esse ser imaterial, incorpóreo, não natural, sobrenatural, é a maneira como você explica a vida para si mesmo? O que mais é, senão a expressão precisa de sua mais óbvia ignorância das causas materiais, corporais, naturais, cósmicas? (2005, p. 47- 48, tradução nossa)¹³

O Deus que alguns insinuam ser criador desta natureza é, na verdade, o espírito do homem projetado para fora dele mesmo e pensado abstratamente ou, no caso da religião natural, a própria natureza interpretada como divina. É impossível, como afirmam os teístas, dizer que esse Deus sobrenatural criou a natureza a partir do nada, pois, do nada, nada vem. É ilógico, portanto, conceber a natureza como procedente do espírito, pois ambos os conceitos possuem qualidades ontológicas completamente diferentes¹⁴.

Os homens, bem como todos os seres vivos, foram gerados a partir da própria natureza. A destruição da natureza representa a sua destruição, assim como a manutenção de sua vida representa a preservação da espécie humana. Não se pode apartar o homem da natureza sem, com isso, tirar dele a sua essência, pois o homem

¹³ “A origem da vida é inexplicável e incompreensível; Contudo, esta incompreensão não te dá o direito de deduzir as consequências supersticiosas que a teologia propõe diante das lacunas do conhecimento humano [...] Porque este ser imaterial, incorpóreo ou não corpóreo, não natural, não mundano, com que tú explicas a vida? Outra coisa não é, senão a precisa expressão de sua mais evidente ignorância de causas materiais, corpóreas, naturais e cósmicas?” (2005, p. 47-48, tradução nossa).

¹⁴ “Se não estou louco, como posso deixar nascer seres irracionais de um ser racional? Como pode um espírito produzir seres sem espírito? [...] Tem-se dito frequentemente: 'o mundo é inexplicável sem um Deus', mas o exato oposto é verdadeiro: se Deus existe, é a existência do mundo inexplicável, porque ela é inteiramente supérflua” (FEUERBACH *apud* CHAGAS, 2009, p. 122).

deve a ela a manutenção de sua vida e a satisfação de suas necessidades biológicas, orgânicas e vitais (CHAGAS, 2016).

A partir dessa perspectiva materialista, Feuerbach faz críticas moderadas à religião natural. Em seus últimos escritos, notadamente em *A Essência da Religião* e *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach procura eliminar toda e qualquer interpretação antropomórfica e teleológica da natureza. Na última obra citada, acima, ele afirmou que:

[...] a religião (da natureza) não é nada mais que psico e antropologia [...] todos os fenômenos estranhos e extraordinários na essência da natureza, tudo o que cativa e arrebatava o olho do homem, o que inflama sua fantasia, provoca seu espanto, afeta sua emoção de um modo especial, inusitado, para ele inexplicável, tudo isso deve ser considerado no surgimento da religião (FEUERBACH, 2009, p. 60).

Considera-se a crítica de Feuerbach às religiões da natureza, moderada, porque ele elogia o fato de essas religiões terem a natureza por objeto dando a ela elevada importância e ressaltando a dependência humana da natureza, ao contrário do cristianismo. Nas palavras de Feuerbach, “[...] confesso-me francamente pela religião da natureza. Odeio o idealismo que arranca o homem à natureza; não me envergonho de depender da natureza...e não creio, como o cristão, estar esta dependência em contradição com minha essência [...]” (Ibidem, p. 49). Contudo, ele observa que as religiões da natureza, a despeito de terem a própria natureza por objeto, não percebem a natureza mesma como ela é, mas projetaram nela predicados humanos¹⁵.

Para Feuerbach, do nada, nada vem: é impossível fazer surgir algo a partir do nada. Consequentemente, pondera Chagas (2016), a natureza não é nem divina, nem humana, mas uma instância que sempre existiu e independe de Deus e do homem. A natureza é tudo o que o homem percebe através dos seus sentidos e que serve como fundamento e essência de sua vida (luz, ar, água, fogo, animais, plantas, etc.). A

¹⁵ “[...] é, entretanto, a natureza um objeto para o homem em seu primeiro estágio, no estágio da religião da natureza, não como ela é na realidade, mas como aparece para a razão inculta e inexperiente, para a fantasia e o sentimento [...]. Com palavras mais claras: também a religião da natureza não é livre de superstições, porque naturalmente, isto é, sem cultura e experiência, são todos os homens dados à superstição [...]” (FEUERBACH, 2009, p. 50).

natureza não existe a partir da ação e vontade de um ser sobrenatural¹⁶, mas de acordo com leis próprias e universais. Não possui também intencionalidade ou vontade. A ordem que o homem percebe no funcionamento da natureza não implica um ser sobrenatural que a move teleologicamente, mas trata-se, apenas, de uma representação que o homem fez associando o funcionamento da natureza de acordo com sua ingênua compreensão humana.

Portanto, não faz sentido atribuir à natureza uma ação divina ou características antropomórficas, pois nela tudo acontece sob o fundamento da necessidade de acordo com suas leis naturais¹⁷.

Apesar da autonomia da natureza e de seu fundamento consistir a partir da necessidade e de leis universais, Feuerbach assevera, segundo Chagas (2016), que o homem pode interagir com ela modificando-a e utilizando-a a seu favor através da ciência e do desenvolvimento da técnica.

¹⁶ “Estando situados no interior da natureza deveríamos por fora dela nosso início, nossa origem? Vivemos na natureza, com a natureza e da natureza e não vamos a derivar dela? Menos contradição!!!” (FEUERBACH, 2005, p. 40, tradução nossa).

¹⁷ “A natureza opera e se forma em todos os lugares apenas em relação e em relação apenas por necessidade [...] a natureza está compreendida somente em si mesma [...] ela é a única em que nenhuma norma humana será permitida ou poderá ser aplicada” (Ibidem, p. 86-87, tradução nossa).

3. FUNDAMENTAÇÃO SUBJETIVA DA RELIGIÃO

3.1. Sentimento de dependência e divinização da natureza

Após expor a natureza como uma instância material, orgânica, autônoma e autorreguladora, que evolui e se desenvolve a partir de sua própria necessidade e dentro de certas condições¹⁸, precisamos responder às seguintes indagações: o que faz a religião natural divinizar os elementos e as forças da natureza? Qual o fundamento da religião da natureza? Segundo Feuerbach, o principal elemento que justifica as chamadas religiões da natureza é o sentimento de dependência do homem ante a natureza de modo geral. O conceito de sentimento de dependência é vasto e abrange vários outros conceitos e elementos materiais com repercussão psicológica que precisam ser melhor detalhados.

As religiões da antiguidade¹⁹, no estágio infantil da humanidade, ou seja, na época em que o homem não detinha um conhecimento claro acerca da dinâmica da natureza e de toda a realidade, o homem possuía uma relação íntima com o meio ambiente a sua volta. Fenômenos da natureza, animais silvestres, os astros do céu, bem como os rios e mares despertavam nele sensações como espanto, medo e maravilhamento. Na natureza, o homem encontrava tudo de que precisava para sobreviver. Os animais lhes forneciam a carne e o leite como alimentos, a água dos rios saciava a sede, a chuva tornava o solo fértil e junto com o sol e a lua beneficiava a vida vegetal e animal e as árvores forneciam frutos que também serviam de alimento para o homem.

Apesar do conhecimento arcaico sobre a natureza a sua volta, as sociedades tribais da antiguidade perceberam a íntima relação que há entre os astros do céu e a vegetação. Conforme assevera o historiador Mircea Eliade²⁰, nas sociedades primitivas onde a agricultura havia se desenvolvido, normalmente, divinizavam a terra,

¹⁸ “O poder da natureza não é ilimitado [...] Tudo que ela cria e produz está ligado a certas condições” (Ibidem, p. 42, tradução nossa).

¹⁹ As religiões da antiguidade foram citadas como exemplo. Ressaltamos que na atualidade ainda existem religiões que consideram a natureza divina.

²⁰ Historiador das religiões, mitólogo, filósofo, poeta e romancista romeno, do início do século XX. Foi professor universitário da Universidade de Chicago, lecionando história das religiões por vários anos.

por sua capacidade de gerar frutos, associando a capacidade geradora da terra com a capacidade reprodutora da mulher. Por isso, é comum encontrar expressões dessa época referindo-se à mãe terra. A relação entre os atributos femininos e a terra foram tão fortes nessas culturas que a agricultura era tarefa reservada às mulheres, enquanto os homens ocupavam-se da caça.

A associação entre a capacidade reprodutora da mulher e a capacidade fecundante da terra gerou vários rituais nessas sociedades primitivas. Sobre isso, Mircea Eliade cita inúmeros exemplos. Em algumas comunidades, acreditava-se que a colheita seria mais abundante se as mulheres responsáveis por semear a terra estivessem grávidas. Existiram tribos indígenas que incubiam as mulheres de semear o milho, pois assim como as mulheres sabiam conceber e parir, assim também os grãos e sementes que elas semeavam davam mais frutos do que dariam se fossem semeadas por homens. Em comunidades primitivas na região de Uganda, as mulheres estéreis eram consideradas perigosas para a plantação, pois sua incapacidade de gerar vida e seu ventre poderia contaminar o solo²¹. Os exemplos são vastos e comuns em várias culturas primitivas espalhadas pelo mundo²².

Contudo, a mesma natureza que era essencial para a vida do homem tornava-se ameaçadora a sua existência em outras circunstâncias como diante de ataque de animais ferozes e peçonhentos, tempestades, secas, marés agitadas e doenças. Diante de situações que poderiam ser ameaçadoras ou benéficas à vida, bem como diante da ordem que observava no mundo, o homem primitivo, sem ciência e conhecimento capazes de dar respostas às dinâmicas da natureza, divinizou-a baseado na ilusão dos sentidos e na fantasia. Segundo Feuerbach:

O homem primitivo não se distingue da natureza e, portanto, tampouco distingue a natureza de si mesmo [...] As sensações e impressões benéficas e boas são causadas por um ser da natureza bom e benéfico; sentimentos desagradáveis e ruins vêm de uma entidade maligna ou, pelo menos, da natureza em um estado de maldade, hostilidade e fúria. Assim, o homem,

²¹ ELIADE, 2016, p. 209.

²² “Na Estônia, a semente do linho é levada para os campos por moças e os suecos só permitem que o linho seja semeado por mulheres. Entre os alemães são ainda as mulheres, em particular as casadas e grávidas, que lançam as sementes à terra. As camponesas finesas espalham na terra, antes das sementeiras, algumas gotas do seu próprio leite. Portanto, a associação mística entre a fecundidade da terra e a força criadora da mulher é uma das intuições fundamentais do que poderíamos chamar de consciência agrícola” (Ibidem, p. 269).

instintiva e involuntariamente, converte a entidade natural em uma entidade subjetiva da alma, isto é, em uma entidade humana (2005, p. 52-53, tradução nossa).²³

Outro questionamento que deve ser feito diante da divinização da natureza pelo homem é a seguinte: por que a fantasia do homem o conduziu à crença em seres inteligentes, dotados de intencionalidade e com poderes de manipular a natureza conforme sua vontade? Provavelmente por ter os homens projetado na ordem que viam na natureza a sua própria essência humana. Para melhor entendermos isso, precisamos saber antes em que consiste a essência humana para Feuerbach.

Para Feuerbach, o homem possui uma essência peculiar que o difere dos animais e seres vivos que encontramos na natureza. O homem é, essencialmente, um ser dotado de razão, vontade e emoção. O homem é um ser que pensa, que deseja e ama. A razão humana refere-se a sua capacidade de pensar, refletir, fazer associações e articular ideias. A vontade humana se relaciona com sua capacidade de agir conforme sua vontade, seu livre arbítrio e o seu querer. Já a emoção representa a capacidade que tem o homem de desejar algo, de amar, de temer, de alegrar-se, enfim, sua capacidade de ter sentimentos dirigidos a algo ou alguém²⁴.

Outra particularidade do homem que o distingue dos animais é o fato de que para o homem seu gênero é objeto. Somente o homem tem a capacidade de refletir sobre si mesmo e sobre sua espécie e somente um ser para o qual seu gênero é objeto pode, também, ter por objeto outras coisas e seres. Na obra *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach argumenta que:

O homem não pode sair da sua verdadeira essência. De certo, pode ele conceber através da fantasia indivíduos de tipos mais elevados, mas do seu gênero, da sua essência ele nunca poderá se abstrair; as qualidades que ele atribui a estes outros indivíduos (ou objetos da natureza) são sempre qualidades retiradas de sua própria essência – qualidades nas quais ele, em verdade, só se reflete e se objetiva a si mesmo (2009, p. 43).

²³ “El hombre primitivo no se distingue a sí mismo de la naturaleza, y por consiguiente tampoco distingue a la naturaleza de sí...Las sensaciones e impresiones benéficas y buenas son causadas por un ente de la naturaleza bueno y benéfico; las sensaciones desagradables y malas provienen de un ente maligno o al menos de la naturaleza em estado de maldad, de hostilidad, de furia. Así, el hombre instintiva e involuntariamente convierte al ente natural em un ente del alma, subjetivo, es decir, em un ente humano” (FEUERBACH, 2005, p. 52-53).

²⁴ “Mas qual é então a essência do homem? [...] A razão, a vontade e o coração” (FEUERBACH, 2007, p. 36).

Portanto, este homem cuja essência é racional, pensante, que deseja e dirige sua vida conforme determinados fins projeta nos diferentes objetos da natureza a sua própria essência. Ao perceber a ordem existente no mundo e uma aparente teleologia da natureza, o homem primitivo, desprovido de ciência, em sua ingenuidade, projeta na natureza a mesma intencionalidade que caracteriza as ações humanas. Assim como o homem pensa, assim como dirige suas ações conforme uma finalidade predefinida, assim também são os deuses da religião primitiva perante a imaginação e fantasia religiosa dos homens primitivos²⁵.

É a partir dessa constatação que Feuerbach afirma ser a religião a essência infantil do homem. Como fruto de sua representação ingênua, o homem eleva sua própria essência a arquétipo da natureza, pois para o homem primitivo a natureza consiste em um ser animado, com vontade própria agindo com intencionalidade. Enquanto “criança”, o homem primeiramente transporta sua essência para fora de si antes de encontrá-la dentro de si²⁶. Nas religiões primitivas, os deuses são uma projeção de predicados humanos na natureza, conforme explicado acima; nas religiões do espírito, os deuses são uma projeção da essência humana em seres abstratos com predicacões humanas sublimadas.

Feitos esses esclarecimentos, voltemos ao conceito de sentimento de dependência. Medo e utilidade foram critérios que o homem primitivo utilizou, ainda que inconscientemente, para estabelecer seus objetos de adoração. Nesse momento histórico, somente foi objeto de adoração religiosa o que podia matar e dar a vida, alegrar e atemorizar. Para Feuerbach, o medo foi o sentimento principal e primeiro que criou deuses no mundo sendo ele a mola mestra da religião da natureza. Grande parte dos povos rudes, inclusive, fizeram objeto de religião principalmente os

²⁵ “[...] a objetivação da essência humana tem como condição prévia a personificação da essência objetiva e distinta do homem ou a ideia da natureza como essência humana. Só por este motivo vontade e inteligência parecem para o homem como as forças elementares ou as causas da natureza, porque os efeitos involuntários da natureza são à luz de sua inteligência intencionados, e deste modo a natureza se apresenta para ele como um ente dotado de inteligência [...] tudo é algo pensado porque o homem pensa, tudo é obra da inteligência porque para ele tudo é objeto da inteligência” (FEUERBACH, 2005, p. 79-80).

²⁶ “[...] não deve ser aqui entendido como se o homem religioso fosse diretamente consciente de si, que sua consciência de Deus é a consciência é a consciência que tem de sua própria essência, porque a falta da consciência deste fato é exatamente o que funda a essência peculiar da religião” (FEUERBACH, 2007, p. 45).

fenômenos aterrorizantes da natureza²⁷. O culto a elementos ou forças da natureza que despertavam medo no homem visava abrandar a sua ira tornando-as inofensivas.

Feuerbach cita, por exemplo, alguns povos primitivos da África e Ásia do Norte temiam os rios em que se formavam redemoinhos ou quedas d'água. Ao passarem por esses lugares, ofereciam sacrifícios à divindade aborrecida.²⁸ Os gregos antigos também fizeram oferendas aos rios²⁹. Ainda segundo o nosso filósofo, outras culturas antigas reverenciam a tempestade, o raio e o trovão³⁰ como divindades más que precisavam ter sua ira afastada através de sacrifícios.³¹ A partir disso, Feuerbach chega a afirmar ser o ouvido o órgão do medo, pois o único dos sentidos que, atemorizado, perde-se no reino de espíritos e fantasmas, de forma mística e supersticiosa, é a audição. Se não existisse o sentido da audição, o homem provavelmente não teria deuses e religião³².

Mas não foi somente o medo que justificou o surgimento da religião da natureza. Enquanto alguns deuses eram adorados para que sua ira fosse aplacada, outros eram festejados para que ajudassem a comunidade que o cultuava. Ademais, passados os fenômenos da natureza causadores do medo, surgia naturalmente no homem uma sensação de alegria e gratidão dirigidas à divindade cuja ira fora aplacada. O Deus que promovia estragos em plantações e matava homens e animais através dos raios, era o mesmo que nutria a vegetação através da chuva. Ou seja, a fonte do mal pode ser também a fonte do bem. Conforme assevera nosso filósofo:

Eu seria então excessivamente unilateral, cometeria até mesmo uma injustiça contra a religião, se estabelecesse o medo como única explicação para a

²⁷ “[...] muitos povos veneram não os entes benévolos, mas sim os malévolos ou ao menos os entes da natureza que diante de seus olhos se mostram como tais” (FEUERBACH, 2005, p. 65).

²⁸ FEUERBACH, 2009, p. 39.

²⁹ “Na Grécia, o culto a divindades aquáticas precedeu a época dos deuses mitológicos. Homero conheceu o culto dos rios: os troianos sacrificavam animais ao rio Escamandro e lançavam cavalos vivos nas suas águas. Hesíodo mencionou os sacrifícios que se celebravam quando se atravessava um rio. Entre todas as divindades marinhas antigas, entre os gregos, o mais conhecido era Aqueloos. Homero o considera divindade de todos os rios, mares e fontes [...] Mas, acima de Aqueloos e todas as demais divindades marinhas, na Grécia, existia Posídon: uma divindade que representava o oceano em fúria e incorporava características masculinas do mar. Acreditava-se que seu palácio ficava no fundo do oceano e seu símbolo era o tridente. A crença em Posídon remonta à época micênica” (ELIADE, 2016, p.165-167).

³⁰ Na mitologia grega, Zeus era a divindade do trovão. Na mitologia nórdica, a divindade do trovão era chamada de Thor.

³¹ FEUERBACH, 2009, p. 40.

³² “A fé surge na audição da pregação do Senhor” (Lutero *apud* Feuerbach, 2009).

religião. Distingo-me dos ateístas e dos panteístas anteriores exatamente por estabelecer para a religião não somente causas negativas, mas também os sentimentos contrários ao medo, os sentimentos positivos da alegria, da gratidão, do amor e da adoração e por afirmar que tanto quanto o medo, também o amor, o júbilo e a adoração criam deuses (FEUERBACH, 2009, p. 43-44).

Portanto, sentimentos como a alegria, o amor e a gratidão expressam o sentimento de dependência de um ser através do qual o homem tem a certeza da manutenção de sua existência. Da mesma forma, o medo também expressa o sentimento de dependência de um ser para o qual os homens não são nada e que tem o poder de tirar sua vida. Feuerbach resume essa relação entre o surgimento de sentimentos antagônicos em torno do mesmo ou de diferentes objetos de adoração afirmando que quem dava ao homem primitivo os meios para se ter alegria de viver, era adorado por ele. Por outro lado, quem tinha o poder de tirar sua vida, tornava-se uma ameaça e era temido por ele. Dessa forma, esses dois sentimentos, embora completamente distintos, se unem no objeto da religião primitiva³³.

O mesmo homem que em alguns momentos teme e, em outros, se alegra com elementos e forças da natureza também diviniza tudo aquilo que se mostra útil e necessário à preservação de sua vida. O sol, as águas, as plantas, os animais e mais uma infinidade de elementos da natureza foram objeto de adoração do homem primitivo a partir da necessidade que cada objeto representava em um determinado povo. Quanto maior a utilidade e necessidade, maior valor se atribuía a um objeto de culto³⁴.

A título de exemplo, Feuerbach citou o culto aos animais, sobretudo no Egito e no Oriente. Para os povos antigos dessas regiões, dentre outras, os animais eram necessários para a existência dos homens. Os animais eram importantes para a caça, a proteção, a alimentação, ou seja, os animais, normalmente, foram adorados por sua utilidade. Todavia, essa regra da utilidade nem sempre fará sentido quando aplicada a alguns povos primitivos que se tem conhecimento diante de tão estranhas

³³ “Somente é objeto de adoração religiosa, somente é Deus o que pode amaldiçoar e abençoar, prejudicar e ajudar, matar e dar a vida, alegrar e temORIZAR” (Ibidem, p. 45).

³⁴ “Os entes naturais mais úteis para o homem foram também aqueles que gozaram de uma veneração mais universal e elevada. O que é objeto das necessidades e fins humanos é por isso mesmo também objeto dos desejos humanos” (FEUERBACH, 2005, p. 59).

reverências a certos tipos de animais ameaçadores à vida humana. Sobre isso, Feuerbach argumenta que:

Os motivos íntimos da adoração são pois iguais, diversas são apenas suas manifestações, porque em alguns objetos a adoração se baseia numa utilidade ou numa nocividade imaginária, existente só na crença ou na superstição, e em outros objetos numa utilidade e numa nocividade real. Resumindo, em alguns objetos da adoração religiosa dependem deles felicidade e infelicidade, bem ou mal estar, doença e saúde, vida ou morte na verdade e realidade, em outros somente na imaginação, na crença, na fantasia (Ibidem, p. 58).

Como vimos, vários sentimentos e emoções estão envolvidos na fundamentação da religião natural: medo, gratidão, alegria, amor, utilidade, etc. Um misto de sensações que o homem experimenta a partir de suas vivências em contato com a natureza que causam fortes impressões a sua imaginação e fantasia.

A fim de utilizar um conceito que abrangesse todas essas manifestações psicológicas numa palavra só, Feuerbach utilizou o conceito de sentimento de dependência³⁵. O sentimento de dependência, portanto, é uma expressão universal, isto é, reúne em torno de si todos esses sentimentos do homem perante seus objetos de culto citados anteriormente exprimindo, assim, o fundamento subjetivo da religião. Conforme afirma nosso filósofo “Mas se eu agora não quiser nem puder apresentar como única explicação da religião nem o medo, nem a alegria, nem o amor, que outro nome encontrarei que seja universal, que contenha ambos, a não ser o do sentimento de dependência?” (Ibidem, p. 44).

A origem da religião natural é esse sentimento de dependência, no sentido em que Feuerbach utilizou, e o primeiro objeto desse sentimento de dependência, nas religiões naturais, foi a natureza³⁶; não a natureza como de fato ela é, mas como se apresenta para a razão imatura do homem³⁷. O homem somente adora a natureza por

³⁵ Feuerbach ressignificou o conceito de sentimento de dependência criado por Friedrich Schleiermacher. Enquanto para Schleiermacher esse conceito possui um sentido teológico e religioso, para Feuerbach possui sentido material que expressa a dependência humana da natureza objetificada e antropomorfizada.

³⁶ “O sentimento de dependência do homem é o fundamento da religião [...] a natureza é o primeiro objeto da religião” (Ibidem, p. 23).

³⁷ “[...] os homens não veneram as pedras, os animais, as árvores e os rios como tais, mas sim os deuses que eles representam, os espíritos que contêm. Mas estes espíritos dos entes naturais não

causa de sua utilidade, necessidade, pelo medo que, às vezes, desperta e pelo sentimento de gratidão e amor que se segue ao medo. A fim de afastar qualquer sentido místico acerca do seu conceito universal, Feuerbach argumenta que:

Meu sentimento de dependência não é um sentimento teológico, schleiermacheriano, nebuloso, indefinido, abstrato. Ele tem olhos e ouvidos, pés e mãos, é apenas o homem que se sente dependente, que se vê dependente, enfim, mas se conhece dependente em todos os lados e sentidos. Mas aquilo de que o homem é dependente, de que se sente e se conhece como dependente, é a natureza, um objeto dos sentidos (Ibidem, p. 58-59).

Onde não há necessidade, não há sentimento de dependência. Se o ser humano não necessitasse da natureza para manutenção de sua vida ou não temesse pela sua morte, não teríamos esse sentimento de dependência sobre o qual Feuerbach fala e, conseqüentemente, o homem não faria da natureza um objeto de culto. Conforme a necessidade surge e é percebida, o homem sente-se dependente da natureza e quanto mais sente necessidade de um objeto, maior poder ela exerce sobre o homem. Um poder, nas palavras de Feuerbach, derivado, pois é uma consequência do poder da necessidade que o homem tem acerca de um determinado objeto da natureza:

O homem, no estágio da religião da natureza, adora o sol porque percebe que tudo depende dele, percebe como nenhuma planta, nenhum animal, nenhum homem pode viver sem ele; mas ele não o adoraria se não o concebesse como um ser que se locomove livremente no céu como o homem, se não concebesse os efeitos do sol como dádivas voluntárias que ele distribui para a terra por pura bondade. Se o homem encarasse a natureza como ela é, com os olhos que a encaramos, acabariam todos os motivos da adoração religiosa [...] Mas o que transforma uma entidade natural em um ser humano? A fantasia, a imaginação. É ela apenas que apresenta um ser de forma diversa da que ele é na realidade; é ela que faz com que a natureza apareça ao homem naquela luz que seduz a inteligência e cega aos olhos, para a qual o idioma humano descobriu expressões como: divindade, divino, Deus; é ela, pois, que cria os deuses dos homens. Já disse antes que a palavra deus, divindade, é originariamente apenas um nome genérico, mas nenhum nome próprio, que a palavra deus não é originariamente um sujeito, mas um predicado, isto é, não é um ser, mas expressa uma qualidade que é usada e cabe em qualquer objeto que surja diante do homem como um ser divino, à luz da fantasia [...] (FEUERBACH, 2009, p. 201-202).

são outra coisa que suas representações, suas imagens ou eles mesmos como entes representados, como entes da imaginação” (Ibidem, p. 66).

Diante do sentimento de dependência do homem frente à natureza, é certo que seu objetivo é garantir sempre a satisfação dessa dependência. Logo que o homem consegue essa satisfação e não se sente mais dependente, o objeto de adoração perde o seu sentido religioso. Diante disso, normalmente, o homem perde o interesse no objeto de culto cuja dependência fora satisfeita ou já não faz mais sentido. Eis a razão para, mesmo nos dias atuais, os religiosos afirmarem que o ser humano somente busca seus deuses nos momentos de necessidade, de privação, de medo, de insegurança e para conseguir algum favor, isto é, satisfazer seus desejos.

3.2. Crença religiosa e egoísmo humano

De acordo com Feuerbach, a adoração do homem é egoísta no sentido em que todos os(as) deuses(as) instituídos(as) o foram diante da importância que representavam para o próprio homem. O egoísmo humano é, portanto, o motivo último da religião. Onde não há egoísmo humano, inexistente também o sentimento de dependência. O culto a certos objetos da natureza revela uma reverência do homem não ao objeto pelo que ele é em si, mas pela sua utilidade ou por representar uma ameaça à vida do homem. Por exemplo, o caçador valoriza apenas os animais que são úteis para caça, os persas valorizavam os cães que protegiam seus gados e os egípcios reverenciavam os gatos que os livravam dos ratos³⁸.

Ao dirigir aos(às) deuses(as) ritos e sacrifícios como forma de agradecimento ou para abrandar sua ira, o homem sempre se coloca como principal referência. Adora-se o objeto de adoração não por ser o que é, em si, mas por sua benevolência e utilidade para com o homem, por representarem, ainda que imaginariamente, seres importantes para a manutenção da vida humana. Em relação às crenças antigas dos persas e hindus, Feuerbach afirma que:

³⁸ “O homem adora como Deus tudo aquilo de que ele sabe ou crê ser a sua vida dependente e que exatamente por isso no objeto da adoração só se evidencia o valor que ele atribui a sua vida e a si mesmo em geral e que, conseqüentemente, a adoração de Deus depende da adoração do homem” (FEUERBACH, 2009, p. 64).

A planta, a árvore cujos frutos se comiam era adorada e implorada para que no futuro produzisse mais frutos. Também era adorado o animal de cujo leite e carne se alimentavam; A água, porque tornava a terra fértil; o fogo, porque aquecia e iluminava; o sol e as estrelas, porque sua influência benéfica sobre a vida não passa despercebida a mais embotada inteligência (RHODE *apud* FEUERBACH, 2009, p. 71).

Ao adorar os entes da natureza, o homem adora indiretamente a si mesmo. É somente em relação a si mesmo que o homem elege divindades e lhes presta culto. Os deuses permanecem como entidades divinas somente enquanto mostram-se úteis ou benéficos ao homem. Os deuses com maiores poderes são representados pelos objetos que possuem maior benefício ou despertam maior medo.

Quanto ao fato de a crença humana ser uma crença, em última análise, egoísta, porque sempre tem o homem como referência, alguns podem fazer a seguinte objeção: como explicar a abnegação religiosa, os sacrifícios humanos, a autoflagelação tão comuns em algumas religiões? Se a crença tem, pôr fim, a satisfação do homem, porque alguns, em nome de sua crença, provocam dor e sofrimento a si próprios? Se a crença religiosa é, de fato, egoísta, qual o sentido dessas penitências?

Em *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach cita exemplos da antiga civilização de Cartago, na África, que sacrificava seus próprios filhos ao deus Moloch. Os primeiros hindus, quando atacados, deixavam-se devorar por tigres e cobras, sem hesitar, pois, aceitavam isso como vontade divina contra a qual não se podia oferecer resistência. Alguns egípcios da antiguidade, adoradores dos crocodilos, não se entristeciam quando seus próprios filhos eram devorados por esses animais (2009, p. 79-80). Os gauleses sacrificavam homens quando sofriam de graves doenças ou se encontravam em perigo de guerra, na crença de que os deuses só podiam ser aplacados se fosse oferecida a vida de um homem em lugar de outra (2009, p. 85). Em relação às religiões do espírito, como o cristianismo, os conceitos de penitência, sacrifícios, mortificação da carne são também bastante comuns. Sobre isso, nosso filósofo assevera que:

Por que então renega-se o homem na religião? Para conseguir o favor dos deuses, que lhe proporcionam tudo o que deseja. Pelo rigor das penitências, podemos forçar os deuses a atender a todos os pedidos e mesmo realizar os pensamentos num instante. O homem não se nega então para negar-se ele

se nega para se afirmar através da negação. A negação é apenas uma forma, um meio de autoafirmação do amor-próprio (Ibidem, p. 83).

Portanto, os diferentes tipos de sacrifícios e penitências também possuem como fundamento o egoísmo humano. Através desses rituais, o homem busca agradecer uma divindade, pedir um favor, evitar castigos, doenças, mortes e conciliar-se com seus deuses. Logo, até mesmo quando o homem se submete a práticas sofríveis e desconfortáveis, o faz para, de alguma forma, se beneficiar perante seus deuses. Portanto, esses rituais não só não anulam o caráter egoísta das crenças humanas, como ainda as reforça.

Assim como sentimentos de medo, gratidão, alegria e amor diante dos deuses fundamentam as crenças divinas, assim também fundamentam os rituais de sacrifício e penitência. Quão diversos são os homens, tão diversos são suas religiões e tão diversos são também seus sacrifícios.

3.3. A natureza em geral e a natureza local

Sendo a natureza objetificada e adorada a partir do sentimento de dependência do homem perante a natureza e sendo essa representação mística da natureza manifestada de forma distinta em diferentes povos, é possível afirmar que o homem não adorou a natureza em geral, mas apenas uma natureza local e familiar a uma determinada cultura. Conforme declarou Feuerbach:

O homem concreto, este povo específico, esta tribo, não depende da natureza em geral, não depende da terra em geral mas deste solo e desta terra; não da água em geral, mas desta água, deste rio e desta nascente [...] os povos antigos [...] rezavam, portanto, como se fossem entidades divinas, às montanhas, às árvores, aos animais, aos rios e às nascentes da sua região, porque toda a sua existência e toda a sua essência assentavam unicamente na forma como a sua região era constituída, na sua natureza (2005, p. 24-25, tradução nossa)³⁹.

³⁹ “El hombre concreto, este pueblo determinado, esta tribu, no dependen de la naturaleza em general, no dependen de la tierra em general sino de este suelo y de esta tierra; no del agua em general sino de esta agua, de este rio y de esta fuente [...] los pueblos antiguos [...] rezaban, por tanto, como si fuesen entidades divinas, a los montes, a los árboles, a los animales, a los rios y a las fuentes de su región, porque toda su existencia y toda su esencia se fundaban únicamente em el modo como estaba constituída su región, su naturaleza” (FEUERBACH, 2005, p. 24- 25).

A natureza reverenciada pelos diferentes povos coincide com os elementos da natureza de um povo ou civilização específicos. Quão diferentes são as civilizações, diferentes também são seus deuses. Quão diferentes são os homens, diferentes são os objetos de culto de suas religiões. Dito de outra forma, cada povo elege suas divindades dentre elementos ou forças da natureza que são familiares àquela localidade específica a partir do grau de importância, utilidade, dependência, benevolência, alegria e medo que despertavam nos homens⁴⁰.

O critério a partir do qual os deuses são originados é, em última análise, o próprio homem. As religiões da natureza são, normalmente, adstritas a uma comunidade, nação ou cultura específicas. Mesmo os objetos de culto se repetindo em povos diferentes, isolados e sem comunicação uns com os outros, ainda assim esses objetos possuem significado, valor e representação mística diferentes, em cada cultura.

Os deuses só permanecem como entes divinos numa determinada civilização ou cultura enquanto expressam sua essência e suas carências, enquanto ainda se mostram como importantes para a vida das pessoas. Normalmente, deuses de uma tribo são ridicularizados por outros povos. Isso acontece pelo fato de os deuses de uma determinada localidade não fazerem sentido para os homens de outra nação. Sobre isso, Feuerbach afirma que “Para cada religião são os deuses das outras religiões apenas ideias de Deus, mas a ideia que ela tem de Deus é o seu Deus mesmo, Deus como ela o imagina, o Deus legítimo, verdadeiro, o Deus como ele é em si” (FEUERBACH, 2007, p. 48).

Os cães foram divindades para os persas, porque protegiam o gado persa dos ataques de lobos e outros animais perigosos. Quem matava um cão ou uma cadela prenha, era punido com a morte. Já entre os egípcios, não havia lobos que colocavam a vida dos homens ou de seus animais em perigo. Contudo, os ratos eram para eles ameaçadores, porque danificavam as tumbas e os corpos dos mortos. Logo, para os

⁴⁰ É importante ressaltar, ainda, que muitos povos antigos viviam isolados e não mantinham contato com outras tribos. Motivo pelo qual suas crenças eram, muitas vezes, localizadas e sem semelhanças com outras religiões primitivas. Contudo, estudiosos e pesquisadores como os historiadores da religião Mircea Eliade e Joseph Campbell perceberam que certos ritos e manifestações do sagrado se repetiram, com pouca variação, em diferentes culturas e períodos históricos, evidenciando várias semelhanças em narrativas religiosas de civilizações distintas. Os pesquisadores citados, entretanto, divergem sobre o motivo dessas semelhanças.

egípcios, o gato teve importância similar a que os cães tiveram para os persas⁴¹. Para os birhors de Chota Nagpu (na Índia antiga) e para a comunidade de Timor (uma ilha na Indonésia), era o sol uma divindade importante para a agricultura sendo necessário imolar animais em forma de sacrifício ao deus sol para assegurar boas colheitas⁴².

Portanto, para os persas os animais considerados divindades pelos egípcios não possuíam importância alguma, pois eram animais que não faziam parte do mundo persa, eram animais estranhos a eles e, por isso, nem eram úteis nem nocivos. Da mesma forma, os cães divinos dos persas não representam nada para os egípcios. Logo, como já dito anteriormente, o homem não adora a natureza em geral, mas somente aquela da qual ele faz parte, a natureza que constitui seu habitat e que, por isso, é íntima para ele.

Bem antes do surgimento de Feuerbach e sua ponderação sobre a identidade entre os deuses de um povo e seus valores e crenças, precisamente em 570 a.C., o filósofo naturalista Xenófanes, da cidade jônica de Cólofon, também percebe essa semelhança das divindades com os respectivos povos em que são cultuadas e faz duras críticas às características antropomórficas das diferentes deidades. Sobre o equívoco da antropomorfização divina criticado por Xenófanes, Reale e Antiseri comentam:

E esse erro consiste no antropomorfismo, ou seja, em atribuir aos deuses formas exteriores, características psicológicas e paixões iguais ou análogas às que são próprias dos homens [...] Agudamente, Xenófanes objeta que se os animais tivessem mãos e pudessem fazer imagens de deuses, os fariam em forma de animal, assim como os Etíopes, que são negros e têm nariz achatado, representam seus deuses negros e com nariz achatado, ou os Trácios, que têm olhos azuis e cabelos ruivos, representam seus deuses com tais características. Mas, o que é ainda mais grave, os homens também tendem a atribuir aos deuses tudo aquilo que eles mesmos fazem, não só o bem, mas também o mal, e isso é inteiramente absurdo (REALE; ANTISERI, 2003, p. 30).

Xenófanes, portanto, percebe os traços antropomórficos das divindades, as quais representam não só traços físicos, mas também aspectos da personalidade e da essência do homem. Contudo, ao contrário do ateísmo de Feuerbach, Xenófanes concebe uma divindade abstrata, a qual “é una, Deus, superior entre os demais

⁴¹ FEUERBACH, 2009, p. 63.

⁴² ELIADE, 2016, p. 109-110.

deuses e homens, nem por figura nem por pensamento semelhante aos homens” (Ibidem, p. 31), identificando o surgimento do mundo a partir da terra e da água.

As religiões naturais são, nas palavras de Feuerbach, crenças patriotas, nacionalistas, pois expressam o sentimento e o espírito do povo de uma determinada localidade. Somente os animais, os rios, a vegetação, as montanhas, enfim, a natureza que serve como habitat e, por isso, fazia parte do dia a dia dos integrantes da comunidade é relevante. É nessa natureza íntima e familiar a toda a comunidade que seus membros projetam suas crenças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao afirmar que no processo de divinização da natureza o homem projeta nela predicados humanos como intencionalidade e vontade, Feuerbach conclui que aquilo que o homem adora na natureza é a sua própria essência, ainda que de forma inconsciente. Logo, o estudo acerca de Deus ou dos deuses, isto é, a teologia nada mais é que antropologia⁴³. Ao estudar sobre os deuses, o homem, na verdade, investiga aspectos e predicados da sua própria essência projetados para fora de si em direção à natureza⁴⁴.

No entanto, nosso filósofo reconhece que a antropologia, somente, é incapaz de explicar com perfeição o fundamento da religião. Na medida em que se constata elementos psíquicos e emocionais envolvidos no surgimento da religião, sintetizados no conceito de sentimento de dependência, Feuerbach afirma que os mistérios da religião não encontram sua solução e explicação somente na antropologia, mas também na psiquê⁴⁵.

As várias crenças, bem como os diversos rituais com objetivo de agradar uma divindade ou aplacar a ira dos deuses surgirem a partir de representações equivocadas do homem e de suas impressões fantasiosas da natureza induzindo-o a uma espécie de visão patológica da realidade⁴⁶.

Essa é a conclusão de Feuerbach na fase madura de seu pensamento. No entanto, até chegar ao seu pensamento materialista sobre a natureza, nosso filósofo percorre um longo processo de superação do idealismo alemão. Conforme consta no

⁴³ “A meta de minhas obras é: tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes [...] nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem” (FEUERBACH, 2009, p. 36).

⁴⁴ Feuerbach faz esta mesma observação em relação às religiões do espírito, sobretudo a religião cristã, afirmando que o Deus cristão é projeção da essência do homem em um ser livre das limitações humanas. Não detalhamos o pensamento do nosso filósofo sobre o cristianismo, pois, conforme mencionamos no início, este trabalho possui como foco principal as religiões da natureza.

⁴⁵ [...] a religião não é nada mais que psico e antropologia [...] Todos os fenômenos estranhos e extraordinários na essência da natureza, tudo o que cativa e arrebatava o olho o homem, o que inflama sua fantasia, provoca seu espanto, afeta sua emoção de um modo especial, inusitado, para ele inexplicável, tudo isso deve ser considerado no surgimento da religião (FEUERBACH, 2009, p. 60).

⁴⁶ “Os mistérios da religião não encontram sua solução e explicação somente na antropologia, mas também na patologia” (Ibidem, p. 48).

capítulo primeiro deste trabalho, buscamos apresentar a evolução do pensamento do filósofo afastando-se do idealismo alemão e aderindo ao materialismo. Vimos que o jovem Feuerbach, inicialmente estudante acadêmico de teologia, após conhecer a filosofia de Hegel, busca conciliar o conhecimento teológico e o filosófico. Após isso, rompe com a teologia para dedicar-se à filosofia, sobretudo, hegeliana. Vimos, por fim, seu distanciamento do hegelianismo, bem como do idealismo alemão, de forma gradual, até chegar ao pensamento materialista que caracterizou as obras de sua maturidade.

No segundo capítulo, expusemos a fundamentação das religiões da natureza segundo o pensamento de Feuerbach, tema central deste trabalho. Iniciamos ponderando sobre o motivo pelo qual o homem divinizou a natureza. Conforme sustenta nosso filósofo, por não compreender a dinâmica ordenada de funcionamento da natureza, o homem projeta nela a intencionalidade típica das ações humanas levando-o a acreditar ser a natureza detentora de consciência e vontade. Por oportuno, esclarecemos que Feuerbach entende ser composta a essência humana de razão, vontade e emoção e que é essa a essência que o homem lança para fora de si em direção à natureza adorando-a como se deidade fosse.

A partir disso, vimos que diante do medo, do espanto e do maravilhamento que a natureza desperta no homem, este canaliza para aquela sentimentos e emoções diversas como medo, gratidão e necessidade. Feuerbach utiliza o conceito de sentimento de dependência a fim de abranger os mais variados sentimentos que o homem direciona para a natureza, ao reverenciá-la como divina. O sentimento de dependência, portanto, é o conceito utilizado por nosso filósofo para referir-se às emoções e sentimentos humanos que fundamentam o surgimento da religião da natureza.

Esse sentimento de dependência é egoísta, segundo Feuerbach, pois tem sempre como referência o próprio homem. Isto é, consideram-se divindades apenas aqueles elementos da natureza que causavam medo, satisfação, alegria e eram úteis à vida do ser humano. Quanto maior a intensidade emocional provocada pela divindade, maior era sua importância para a comunidade ⁴⁷. O homem não

⁴⁷ “Os objetos mais necessários, mais importantes e mais influentes, os objetos que mais produzem no homem o sentimento da dependência deles têm também em si todas as propriedades que

reverenciava suas divindades pelo que elas eram, em si, mas pela utilidade que tinham para eles.

Salientamos, ainda, que a natureza que o homem divinizou não foi a natureza em geral, mas a natureza da qual ele fazia parte. Não foi qualquer terra, mas a terra na qual o homem nasceu e viveu. Logo, quão diferentes foram os homens, seus valores e natureza a sua volta, diferentes foram suas divindades. O homem adorou como deus(a) aqueles elementos e forças da natureza que eram familiares e faziam correspondiam aos anseios e às carências da comunidade.

A despeito de todas as críticas feitas às religiões, o propósito de Feuerbach não foi erradicá-las ou destruí-las, mas, apenas, demonstrar para a sociedade a verdadeira e real fundamentação das religiões. Sua intenção foi deixar claro que aquilo que o homem adora nas religiões da natureza nada mais é a própria essência humana projetada na natureza. Feuerbach evidencia que a natureza que o homem acredita agir com vontade e intencionalidade é uma natureza objetificada e personalizada a partir da projeção da essência humana na natureza⁴⁸.

Para Feuerbach, desmistificar a essência da religião significa devolver a essência real da natureza fazendo o homem reverenciá-la como o ser material e concreto do qual depende sua vida, sem recorrer a misticismos alimentados pela fantasia humana diante da ignorância acerca funcionamento ordenado da natureza⁴⁹.

Apesar de afirmar não ser sua intenção eliminar a religião, Feuerbach, reconhecendo a importância da imaginação e fantasia humanas que induz o homem a uma falsa consciência da realidade, também afirma que a “Essência é a própria forma, por isso destróis a essência da fé ao destruíres a imaginação que é sua própria forma”⁵⁰. Logo, ao desmistificar a essência da fé, por consequência, Feuerbach afirma ser a religião sem sentido, sem fundamento real constituindo uma patologia psíquica

arrebata os olhos e o espírito, que produzem espanto, admiração e todas as outras afeições e estados de espírito semelhantes” (Ibidem, p. 62).

⁴⁸ A meta de meu tratado sobre a essência da religião e, conseqüentemente, destas preleções, não é outra senão mostrar que o deus da natureza ou o deus que o homem distingue de sua essência e que pressupõe esta como causa ou origem nada mais é do que a própria natureza, e que o deus humano ou o deus espiritual ou o deus ao qual ele atribui predicados humanos como consciência e vontade [...] nada mais é que o próprio homem (Ibidem, p. 100).

⁴⁹ “Nosso dever é evitar os extremos, os superlativos ou os exageros do sentimento religioso e considerar, tratar e reverenciar a natureza como ela é – como nossa mãe” (Ibidem, p. 51).

⁵⁰ Ibidem, p. 24.

que projeta predicados humanos, de forma inconsciente, em seres da natureza, divinizando-os.

Acerca do pensamento de Feuerbach sobre a religião, alguns poderão objetar: por que a fantasia do homem, o induziu – em praticamente todas as culturas – ao mesmo fim, isto é, à divinização da natureza? Por que praticamente todas as culturas de que se tem conhecimento criaram divindades e lhes prestaram culto? Por que a fantasia do homem não o norteou a outras experiências distintas da vivência religiosa? Por que, da mesma forma, o homem não preferiu a negação das divindades ao invés de afirmá-las?

Da mesma forma, em relação ao destaque de Feuerbach ao afirmar que os deuses são reflexos dos valores e crenças de um povo e que quão diferentes são os homens diferentes também são seus deuses, alguns poderão fazer a seguinte observação: como explicar as várias semelhanças encontradas entre rituais, biografia de deuses, objetos divinizados entre povos distantes no tempo e no espaço? Historiadores das religiões como o romeno Mircea Eliade e o inglês Joseph Campbell, já citados neste trabalho, ao fazerem diversos estudos comparados de religiões de vários povos em diferentes momentos históricos e geograficamente isolados identificaram diversas semelhanças entre essas crenças. Em alguns casos, os relatos se repetem: como explicar isso à luz do pensamento de Feuerbach?

Em virtude da necessária delimitação do tema deste trabalho, estas objeções não foram abordadas. Contudo, são questões pertinentes que serão investigadas em momento oportuno. Ademais, ressaltamos que foi tratado, aqui, apenas da fundamentação das religiões da natureza sem tratar da específica análise do nosso filósofo sobre as chamadas religiões do espírito como o cristianismo. Fizemos este recorte no pensamento do autor por entender que há necessidade de maior aprofundamento da pesquisa acadêmica sobre a fundamentação das religiões em geral.

O pensamento de Feuerbach sobre a fundamentação das religiões em geral contribuiu sobremaneira com o debate sobre o tema, no século XIX até a contemporaneidade, sendo referência para outros grandes pensadores como Karl Marx e Sigmund Freud.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. 30^o ed. Jardim Paulista, SP. Palas Athena, 2014.

CHAGAS, Eduardo F. A natureza como negação da imortalidade da alma no jovem Feuerbach. In: **Princípios**. Natal, RN. v.16, n. 26, 2009.

_____. A Primazia da Natureza Ante o Espírito em Ludwig Feuerbach. In: **Trans/Form/Ação**. São Paulo, n. 32, v. 9, 2009.

_____. A razão em Feuerbach como base da unidade do homem e da natureza. In: **Princípios**. Natal, RN. v. 14, n. 21, 2007.

_____. Feuerbach e Espinosa: Deus e natureza, dualismo ou unidade? In: **Trans/Form/Ação**. São Paulo, SP, 2006.

_____. **Natureza e Liberdade em Feuerbach e Marx**. Campinas, SP. Phi, 2016.

_____. Religião: o Homem Como Imagem de Deus ou Deus Como Imagem do Homem? In: **Formação Humana: liberdade e historicidade**. Fortaleza, CE. UFC, 2004.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. 5^o ed. São Paulo, SP. Martins Fontes, 2016.

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Petrópolis. Vozes, 2007.

_____. **La Esencia de la Religión**. Madrid. Páginas de Espuma, 2005.

_____. **Preleções sobre a Essência da Religião**. Petrópolis. Vozes, 2009.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia 1: filosofia pagã e antiga**. São Paulo, SP. Paulus, 2003.

VELIQ, Fabiano. Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud: a crítica da religião no século XIX. In: **Sapere aude**. Belo Horizonte, MG. v. 09, n. 18, 2018.